

# As Empresas e os Objectivos do Milénio

*Salil Shetty, Director  
Campanha do Milénio das Nações Unidas*

Muita tinta tem corrido sobre a filantropia empresarial e sobre a responsabilidade social das empresas. Hoje sabe-se que, seja pela perspectiva de uma consciência social ou pela de um interesse próprio esclarecido, responder às necessidades das pessoas pobres e atingir os Objectivos do Milénio (ODM) deve tornar-se parte central do modelo de negócio das empresas, em especial daquelas que actuam em países em desenvolvimento. Esse é um dos aspectos em debate a 25 de Setembro nas Nações Unidas, durante o Encontro de Alto Nível sobre os ODM.

Quando 189 líderes mundiais se encontraram na viragem do novo milénio, em Setembro de 2000, nas Nações Unidas em Nova Iorque – no que foi o maior encontro do género na história da Humanidade –, defrontaram-se com o gigantesco desafio de haver 50 mil mortes diárias devido à pobreza e à doença. Isto numa época em que o mundo disfrutava de prosperidade e avanços tecnológicos sem precedentes.

Tornou-se claro para aqueles líderes que este nível de pobreza extrema e de crescente desigualdade era moralmente inaceitável e politicamente insustentável. O seu compromisso foi extraordinário: “libertar os nossos concidadãos da indignidade e do sofrimento da pobreza abjecta”. Desta Declaração do Milénio emergiram os 8 Objectivos de Desenvolvimento do Milénio, um conjunto de metas mínimas e mensuráveis, a ser atingido até ao ano 2015.

Os governos e seus representantes eleitos têm, como é óbvio, a principal responsabilidade na obtenção dos Objectivos. Mas existem poucos casos de sociedades e países gerando riqueza e reduzindo a pobreza sem recurso ao poder do sector privado.

Esse poder vai para além da máxima “não praticar o mal” (respeitar as leis, os direitos humanos e o ambiente). No caso de empresas actuando, por exemplo, em África, significa também responder a cinco perguntas antes de tomarem decisões:

1. Estamos a criar empregos para os pobres? Referimo-nos ao aligeiramento das exigências de qualificações formais (sem baixar as competências esperadas), a subsidiar os custos de deslocação ou ainda a aproximar o trabalho das

vidas dos pobres (pela localização da empresa, pelo ajustamento de horários ou ainda por um ambiente de trabalho não discriminatório).

2. Estamos a criar riqueza para os pobres? A forma mais dignificante de apoiar os pobres é adquirir-lhes bens e serviços. Tradicionalmente, compra-se-lhes bens que eles já antes produziam com qualidade. Mas as empresas responsáveis adicionam valor produzindo bens com eles (co-produzir em vez de outsourcing). Vender aos pobres, a custo reduzido, bens ou serviços que lhes são habitualmente inacessíveis, constitui também uma importante contribuição.

3. Estamos a aumentar a capacidade dos pobres? A formação é aqui essencial, bem como a utilização de tecnologias e recursos locais em lugar de soluções mais complexas e caras (sempre que tal for possível). Isto permitirá aos pobres envolver-se mais no negócio da empresa.

4. Estamos a influenciar políticas governamentais que afectam o emprego, educação, saúde e condições infraestruturais dos pobres? Se os principais líderes empresariais num país publicassem uma carta aberta no principal jornal nacional antes da discussão do Orçamento de Estado, instando o Governo a alocar recursos adequados à saúde e à educação básica, tal poderia ter mais impacto do que financiar algumas escolas ou centros de saúde.

5. Certificamo-nos de que as receitas fiscais que geramos chegam aos pobres? É sabido que uma parte significativa da despesa pública não chega aos cidadãos comuns. Exigir mais transparência e prestação de contas aos organismos públicos terá impacto positivo nas vidas dos mais pobres.

Se a quantidade de palavras escritas e ditas sobre a pobreza mundial e os Objectivos do Milénio tivesse impacto, há muito que aquelas metas teriam sido alcançadas. As empresas têm pouca paciência para retórica. Somos a primeira geração que pode realmente eliminar a pobreza extrema, a illiteracia e a doença – e juntos podemos fazer isso acontecer.

*Publicado no jornal “Público” - 24 de Setembro 2008*